

“Também sou teu povo”.
As interpelações sagradas/profanas nos
contextos de travestilidades na cidade
Juazeiro do Norte – CE

Francisco Francinete Leite Júnior¹
Francisco Arrais Nascimento²

Resumo: *Objetiva-se com este artigo articular gênero e religiosidade a partir da obra cinematográfica “Também sou teu povo” (2006), sob direção de Orlando Pereira da Silva (1975-2013) e Franklin Lacerda. Tendo em vista priorizar as relações estabelecidas entre o sagrado e o profano no contexto das travestilidades vivenciadas na cidade de Juazeiro do Norte – Ceará. Metodologicamente a pesquisa apresenta-se enquanto explicativa arraigada em uma abordagem analítico-discursiva. Como resultado percebeu-se que a obra em analisada possibilita um panorama diverso sobre o modo de vida de travestis que trazem em suas vivencias marcas que entrecruzam o sagrado e o profano. Para tanto compreendeu-se que as questões de gênero nas vivencias das travestilidades não interferem nas relações com o sagrado, assim asromeiras e devotas do “Padim ciço” reinventam a cena em um movimento de resistência e subordinação a norma vigente.*

Palavras-chave: *Cariri Cearense. Juazeiro do Norte – CE. Audiovisual. Religiosidade. Travestilidades.*

¹ Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Docente da Faculdade de Ciências Aplicadas Dr. Leão Sampaio (FALS). freud.g@bol.com.br

² Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). francisco.arrais.nascimento@gmail.com

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo aqui analisado é o curta metragem intitulado “Também sou teu povo”³ (*I am also your people*, 2006, 14 min), dirigido por Orlando Pereira da Silva (1975-2013) e Franklin Lacerda, que trata sobre o cenário social no qual estão imersos os sujeitos travestis que manifestam suas identidades de gênero nas “romarias”⁴ na cidade de Juazeiro do Norte, sul do Estado do Ceará. Tendo como objetivo articular gênero, especificamente a travestilidade e religiosidade a partir da obra cinematográfica que serve de objeto, interseccionando as relações construídas entre o sagrado e o profano.

A tessitura social constituída em torno do que fora trabalhado na obra “Também sou teu povo”, deve ser vista do ponto de vista histórico social dada a construção historiográfica da formação e do crescimento da região e principalmente da cidade que serve como território para a obra documentária. A Região

³ O curta foi exibido em diversos festivais tais como: Festival Latino-Americano de Curta Metragem de Canoa Quebrada, em Canoa Quebrada-CE, no ano de 2006, Festival de Cinema e Cultura da Diversidade Sexual – For Rainbow 2016, em Florianópolis-SC, Curta’Intervalo – Pensar e Ser a Cidade, mostra de vídeos em curta metragem, em Petrolina-PE, entre outros. O curta está disponível no Porta Curtas: http://portacurtas.org.br/filme/?name=tambem_sou_teu_povo e no www.youtube.com.

⁴ Termo utilizado para definir sujeitos que em peregrinação se deslocam com intuito religioso em busca de experiência religiosa.

Cariri⁵, sul do Estado do Ceará, que serve como cenário para a obra documentária recebeu esse nome por ocasião das tribos indígenas *Kariris*. Conhecida por sua geografia peculiar, onde se observa uma biodiversidade exuberante além de todo um patrimônio histórico, artístico e cultural, a região teve seu crescimento tanto populacional como urbano impulsionado pelo dito “milagre de Juazeiro” de onde emergem protagonistas como o Padre Cicero Romão Batista (1844-1934) e Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, a beata Maria de Araújo (1862-1914), que segundo a historiografia protagonizaram as cenas em que “a hóstia transformou-se em sangue na boca” da beata, vale ressaltar que outros “fenômenos extraordinários” cercam as figuras do Pe. Cicero e da Beata Maria de Araújo, não apenas foram verificados a hóstia transfigurar-se em sangue, mas também a beata apresentava estigmas de crucificação, relatos de visões, profecias, êxtases, comunhões espirituais além da verificação de fatos como sangramentos de crucifixos de metal maciço, como descrito no primeiro inquérito instruído sobre os fatos do Juazeiro.

Araújo (2006) descreve que em 1º de março 1889 um fato ocorre durante a celebração de uma missa, na capela de Nossa Senhora das Dores, no que foi (e ainda é) considerado um milagre:

⁵ A Lei Complementar Estadual nº 79/2009 indica 09 municípios pertencentes à Região Metropolitana do Cariri: Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Caririaçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri. Algumas abordagens territoriais, regionais e mesorregionais chegam a atribuir até 28 municípios Região do Cariri cearense como a identificadas no âmbito dos Territórios da Cidadania.

durante a celebração ao entregar a hóstia à Beata Maria de Araújo, a mesma revirou os olhos e pareceu entrar em transe, por fim a hóstia se transformara em sangue. Maria de Araújo contaria ter se encontrado com o próprio Cristo. Este suposto milagre aconteceu cerca de 140 (cento e quarenta) vezes, no período de três anos.

O Bispo Dom Joaquim José Vieira⁶ (1836-1917) escreve ao Pe. Cicero Romão Batista, em novembro de 1989, onde solicita esclarecimentos sobre o [...] boato que aqui corre em relação à beata Maria de Araújo [...]⁷. Após encontro com o Pe. Cicero, ocorrido nos dias 17 de julho de 1891 em Fortaleza, o bispo enviou uma Comissão Episcopal composta pelos seguintes clérigos: o padre Clicério da Costa Lobo⁸ (1839-1916) intitulado como delegado da comissão e o padre Francisco Ferreira Antero (1855-1929) nomeado como secretário da comissão, contava ainda com os médicos Marcos Rodrigues Madeira e Ildefonso Correia Lima além do farmacêutico Joaquim Secundo Chaves. Após realizarem experiências e ouvirem relatos de 23 testemunhas do ocorrido, durante o período de 9 de setembro a

⁶ Segundo Bispo do Ceará, nasceu em Itapetininga-SP, em 17 de Janeiro de 1836, foi indicado para o bispado do Ceará por Decreto Imperial de 03 de fevereiro de 1883, fora confirmado por Leão XIII, em 09 de agosto do mesmo ano. Foi sagrado em 09 de dezembro de 1883 e empossado em 24 de fevereiro de 1884, data essa em que o mesmo chegou a Fortaleza - CE.

⁷ Trecho da Carta remetida por Dom Joaquim José Vieira ao Pe. Cicero Romão Batista datada de 04 de novembro de 1889.

⁸ Doutor em Teologia assumiu o cargo de secretário particular do Bispo D. Luís Antônio dos Santos, no Ceará em 1880.

28 de novembro de 1891, concluíram tratar-se de um fenômeno de natureza divina.

No mesmo ano o bispo convoca os sacerdotes Antônio Alexandrino de Alencar (1843-1903) nomeado delegado da comissão e Manuel Cândido, nomeado secretário da comissão eclesiástica, para realizarem uma nova investigação sobre o fenômeno, alegando que os membros da comissão anterior foram desobedientes a suas recomendações de como proceder aos exames, a saber, a observação da transformação da hóstia deveria ter sido feita “[...] sem ajuntamento de povo e somente em presença de algumas pessoas criteriosas como sacerdotes, médicos, farmacêuticos, e outras escolhidas [...]”⁹. Os clérigos concluíram que o fenômeno não tinha natureza divina. A figura da Beata fora silenciada¹⁰ nessa trama político eclesiástica e Maria de Araújo permaneceu enclausurada até falecer, em 17 de janeiro de 1914, aos 51 anos.

O fenômeno atraiu e atrai ainda em tempos hodiernos moradores e fiéis de outras cidades e regiões do Nordeste para receber as “bênçãos do Padre milagreiro”. O fenômeno desencadeou assim o que se denomina de ciclos migratórios de peregrinos popularmente chamados de “romeiros” que visitam a região em determinados períodos do ano ancorando em tal

⁹ Carta remetida por D. Joaquim J. Vieira ao padre Joaquim Sother de Alencar em 22 de novembro de 1891.

¹⁰ Em 1931, seu túmulo que ficava na igreja de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, no centro da cidade de Juazeiro do Norte-CE, fora violado e seus restos mortais desapareceram.

espaço geográfico como um lugar santo e principalmente beatificassem o Padre Cícero que foi peça fundamental dentro da trama eclesiástica local. Grangeiro (2002, p.102) relata as mudanças locais após a influência dos fatos que desencadearam o dito “milagre de Juazeiro”:

Esse pequeno lugarejo, chamado de Juazeiro, depois cognominada de “Nova Jerusalém”, “Meca do Cariri”, “Capital do Sertão”, seria palco de grandes acontecimentos históricos, lutas acirradas, por causa de muitos personagens envolvidos em ações diversas, principalmente dois deles, que modificaram a estrutura do lugar, em todos os sentidos – um padre e uma beata. A beata Maria de Araújo e o Padre Cícero Romão (nome de batismo), aquele que, embora não tendo sido o fundador de Juazeiro, no sentido de iniciador do povoado, foi, sem sombra de dúvida, o seu “inventor”, do ponto de vista econômico, político, social e, por conseguinte, da sua identidade cultural.

Segundo Sousa e Alvez (2010), a cidade de Juazeiro do Norte como principal cidade do sul do Estado é considerada um importante polo religioso e comercial do Nordeste brasileiro. Com o fenômeno de romarias em virtude da devoção ao Padre Cícero e ao suposto milagre, o município atrai cerca de 500 mil brasileiros anualmente para os mais variados eventos religiosos. Logo, a região configura-se como o típico espaço formado pelos chamados “forasteiros” provenientes dos mais diversos locais do

Brasil. Com suas “identidades” em trânsito Belinato e Souza (2007) e com o híbrido como característica cultural dada a miscigenação cultural ocorrida em tal espaço. Sobre este tema, o indiano Homi Bhabha (1996, p. 36-37) afirma que a hibridação é responsável por algo inteiramente novo e diferente dos que a constituíram, nos termos do autor:

A importância da hibridação não é ser capaz de rastrear os dois momentos originais dos quais emergem um terceiro. Para mim a hibridação é o “terceiro espaço” que permite às outras posições emergir. Este terceiro espaço desloca as histórias que o constituem e gera novas estruturas de autoridade, novas iniciativas políticas [...] o processo de hibridação cultural gera algo diferente, algo novo e irreconhecível, uma nova área de negociação de sentido e representação.

Assim, este espaço ocupado por sujeitos que personificam a multiplicidade de modos de vida, assim como a figura da beata que fora silenciada, os sujeitos que vivificam a fronteira são realocados a margem. Daí pensar os trânsitos e os corpos que ocupam esse território. Silva (2002) nos indica que o território se constitui na delimitação e apropriação do espaço. Tal ação seria possível pela intermediação de relações de poder, definindo barreiras de restrição e exclusões de indivíduos. Em razão da não existência de um espaço democrático e de direito da livre

expressão, as formas de “posicionalidade dos grupos”¹¹, identidade e indivíduos homoeróticos se apresentam em lugares (clã) destinos. No caso das travestis não seria diferente, tais sujeitos ocupam a margem e permanecem nela, constituindo modos de vida invisibilizados, anulando a percepção da religião na vida destes sujeitos.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Em função dos objetivos da pesquisa, o método mais apropriado a ser utilizado é o que propicia uma abordagem analítico-discursiva, trazendo contribuições de Ferro (1985, 1992), Moreno (1995), Leutrat (1995), Rossini (1999), além de uma compreensão alargada orientada por Michel Pêchex, e os discursos que reverberam na construção das identidades dos sujeitos que compõe o documentário. A análise também se apoia nas abordagens teóricas de Eni Orlandi (2009) e de Patrick Charaudeau (2006), que não se preocupam com a quantificação na construção dos dados, pois estes são reunidos em função de sua qualidade, de suas características, exigindo-nos uma tarefa de conceituação. Nesse sentido, a análise do discurso captura, modifica e dissemina acontecimentos, opiniões e ideias do

¹¹ Referente a local de fala, ou seja, posição do falante, seja nas margens ou centro na divisão social construída historicamente. Uma vez que a sociedade é regida por uma divisão social de gênero marcadamente binária e oposicional, onde quem fala e de onde se fala são questões centrais que revelam os interesses por trás do que é falado.

presente, organizando o futuro, autenticando o passado – memória – e realizando uma leitura desses fatos do presente no futuro.

Metodologicamente, compreendemos que tal pesquisa se configura enquanto qualitativa, por basear-se fundamentalmente na interpretação, com foco nas visões amplas e complexas do ser humano e suas relações com o meio e da relação dos sujeitos com o Sagrado. Neste caso, adentrando ao universo da religiosidade popular, reunindo assim aspectos da realidade em uma unidade elaborada a partir de interpretações com base em um referencial teórico. Sendo também de caráter descritiva, pois descreve o processo vivenciado pelos sujeitos que a praticam, além de analisar por meio dos discursos dos sujeitos.

Define-se como *lócus* de estudo a Cidade de Juazeiro do Norte, localizada no Cariri Cearense, sul do Estado do Ceará, cidade onde o documentário foi produzido e onde se articulam aspectos que entrelaçam culturas e religiosidades, atraindo além de fiéis (romeiros) aqueles que "desviaram" a norma em suas práticas sexuais e laborativas.

Para a análise de dados, utilizou-se da perspectiva Leutrat (1995) e de Moreno (1995). Logo analisar uma obra cinematográfica, segundo Leutrat (1995, p.32) é:

[...] delimitar um terreno, medi-lo, esquadrinhá-lo muito precisamente (trata-se de um fragmento de obra ou de uma obra inteira). Uma vez recortado e batizado o

terreno, devemos nele, e em conformidade com a sua natureza, efetuar seus próprios movimentos de pensamento. Para este périplo é imperativo dispor de várias cartas, ou seja, de instrumentos trazidos de disciplinas diversas, para que se possa superpô-las, saltar de uma a outra, estabelecer as passagens, as trocas e as transposições [...]. A descoberta de tais signos depende das questões postas às obras, cada obra necessitando de questões particulares. Como diz Gérard Granel, “não há migalhas numa obra, nem ‘triagem’ possível entre o que seria importante, revelador ou insignificante”. [...] Afinal de contas, tudo pode ser levado em conta, dado que é disto que o sentido advém.

Marc Ferro (1992, p. 87) destaca os elementos que emergem da produção cinematográfica e que influenciam em sua construção, constituindo assim o que fora analisado por meio das relações estabelecidas e que resultam na produção cinematográfica, logo:

[...] analisar no filme tanto a narrativa quanto o cenário, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime de Governo. Só assim se pode chegar à compreensão não apenas da obra, mas também da realidade que ela representa.

Para além dos estudos das narrativas e da estética cinematográfica Ella Shohat e Robert Stam (2006)¹² debruçaram-se sobre a questão dos estereótipos no cinema em seu estudo apontando três motivos norteadores:

1. Revelar padrões opressivos de preconceito no que à primeira vista poderia parecer um fenômeno aleatório e esporádico;
2. Enfatizar a devastação psíquica infligida através dos retratos sistematicamente negativos sobre suas vítimas [...];
3. Assinalar a funcionalidade social dos estereótipos, demonstrando que eles não constituem erros de percepção, mas uma forma de controle social. (SHOHAT; STAM, 2006, p. 289).

A questão dos estereótipos abordada por Ella Shohat e Robert Stam (2006) arraiga o estudo uma vez que a obra analisada trabalha a intersecção entre a religiosidade e a sexualidade sob a óptica travestilidade.

Para uma melhor análise os dados foram organizados em um quadro analítico representado na Figura 1, que deu origem a tabela de cenas criada pelos autores, na tentativa de compreender os aspectos pertinentes a cada cena que versa sobre a relação gênero e religiosidade. Produzindo material para posterior análise.

¹² Ver SHOHAT, E.; STAM, R. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2006.

Figura 1 - Estrutura do Modelo de Análise

01	Análise Estrutural ou Sintática			
	Título			
	Gênero		Ano	
	Elenco e Personagens			
	Sinopse			
02	Análise Significativa (Significante e Significado)			
		Significante (Denotação) ¹³	Significado (Conotação) ¹⁴	
	Linguagem narrativa	Posição da ditadura no enredo fílmico		Análise da História do Filme
		Contexto social		
		Recursos Narrativos		
		Tipo de montagem		
Tipo de interpretação				
Análise da História do filme				
03	Retrato Fílmico Encontrado			
	<p>Texto conclusivo sobre o teor do discurso apontado no filme sobre o assunto, podendo ser: Pejorativo, não pejorativo e dúbio. Será assim descrito</p>			

Fonte: Moreno (1995).

¹³ Comentários sobre o que o filme diz explicitamente sobre o objeto focalizado.

¹⁴ Comentários sobre o que o filme induz a pensar ou julgar sobre o objeto focalizado.

GÊNERO: um conceito a ser discutido

Antes de adentrarmos a intersecção Gênero e Religião se faz necessário compreender cada um dos elementos. Iniciando pelo conceito de "gênero", devemos ter claro que este enfatiza todo um sistema socialmente construído de relações que pode incluir o sexo biológico, mas não é diretamente determinado por tal fator, tampouco determina diretamente a sexualidade do sujeito (Scott, 1995). Portanto, segundo Scott (1995), o termo "gênero", além de funcionar como substituto para o termo mulheres é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Esse uso rejeita a validade interpretativa da ideia de esferas separadas e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo.

Além disso, o termo "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Implicadas nas vivências dos sujeitos, a sexualidade, o sexo e a noção de gênero convocam-nos a pensar em uma relação íntima com o poder, mais especificamente com os jogos de poder/saber, cabendo a reiteração da compreensão de que as pessoas não produzem discursos, apenas reproduzem os discursos advindos de

instituições e replicados pelos sujeitos, provocando atravessamentos.

Tais influências são decorrentes da cultura, perceptíveis no movimento de generificação do corpo. Thomas Laqueur (2001) enfatiza a importância do papel da ciência enquanto marcador que influencia as questões de gênero, corroborando para a definição das posições e subjetividades assumidas. Os saberes da ciência acabam por produzir verdades nos corpos em uma tentativa de inteligibilizá-los.

Laqueur (2001, p. 18) ressalta “que a visão dominante no século XVIII, da diferença anatômica entre dois sexos, acarretou mudanças no acesso de homens e mulheres à vida política, econômica, cultural e na definição de papéis sociais distintos”, delineando as possibilidades e finalidades sociais de cada sexo. O contexto para a articulação da concepção da diferença sexual entre homens e mulheres, para o autor, não era reflexo dos avanços nos conhecimentos científicos, mas político, atravessado por conflitos e lutas pelo poder e por posições na esfera pública.

Donna Haraway (2004) transcende essa compreensão quando nos apresenta o Gênero como um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta. Retoma as abordagens marxistas tradicionais que não levaram a um conceito político de gênero por duas razões principais: primeiro, as mulheres, como os povos “tribais”, existiam de maneira instável nas fronteiras do natural e do social nos escritos mais importantes de Marx e Engels, de modo que

seus esforços para explicar a posição subordinada das mulheres foram minados pela categoria da divisão natural do trabalho, que se apoia numa heterossexualidade inquestionável; segundo, Marx e Engels teorizaram a relação econômica de propriedade como a base da opressão das mulheres no casamento, de modo que a sua subordinação pudesse ser examinada em termos das relações capitalistas de classe, mas não em termos de uma política sexual específica entre homens e mulheres.

Em meio a esse contexto, as discussões de Teresa de Lauretis (1994), que defende a ideia de que os discursos (institucionais, artísticos - como cinema e literatura -, entre outros), em sua totalidade, contribuem para perpetuar as diferenças estereotipadas impostas para diferenciar masculino e feminino, suscitam algumas reflexões, como a que se produz em torno das afirmações de que o gênero é uma representação, e se concretiza no comportamento das pessoas; de que a representação do gênero é a sua construção, que evolui à medida que a sociedade também evolui; e de que a construção do gênero é ininterrupta, mas também se concretiza por meio de sua desconstrução.

Retomando Haraway, percebemos que em seu texto *Um Manifesto para os cyborgs: Ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 1980*, publicado em 1994, apresenta-nos a figura do *cyborg*, espécie de organismo cibernético híbrido - máquina e organismo - que representa uma ligação da realidade social com a ficção, levando-nos a refletir sobre o quão hibridizado

estamos com as questões da tecnologia e o avanço das ciências. Haraway (1994) coloca o *cyborg* como uma criatura num mundo pós-gênero, evidenciando o trânsito, o borrado das fronteiras, antes tão demarcadas.

RELIGIOSIDADE: a experiência pela fé

Diversas são as formas conceituar religiosidade, no entanto cabe pensarmos anteriormente a “religião”, esta significa antes um nome coletivo do que um princípio ou essência singular. Assim, nesse estudo não encontraremos uma essência única, mas muitas características que podem fazer parte da religião.

Segundo James (1995) religião significará os sentimentos, atos e experiências de indivíduos em sua solidão, na medida em que se sintam relacionados com o que quer que possam considerar o divino. Uma vez que a relação tanto pode ser moral quanto física ou ritual. Além do conceito de religião, é preciso considerar o “sentimento religioso”, a experiência religiosa.

Considerado frequentemente uma entidade única, existem muitas relações que podem ser feitas para especificar que tipo de entidade ela é. “Uma pessoa a liga ao sentimento de dependência; outra, a deriva do medo; outras a ligam à vida sexual; outras ainda a identificam com o sentimento do infinito; e assim por diante” (JAMES, 1995).

Tais divergências mostra-nos como o sentimento religioso também não pode ser tomado como algo específico, mas um

conjunto de sentimentos que podem estar presentes nos indivíduos de modo alternado. “Existe o medo religioso, o amor religioso, o terror religioso, a alegria religiosa, etc” (JAMES, 1995), e esses sentimentos são os mesmos que as pessoas manifestam em outras ocasiões.

Pode-se observar, contudo, que as emoções religiosas são, naturalmente, distinguíveis das outras emoções. Mas não há motivos para pensar o sentimento religioso como uma entidade isolada dos outros sentimentos. Pensando que não existe uma emoção religiosa específica, podemos afirmar que não existe nenhum tipo específico e essencial de objeto da religião.

James (1995) propõe que devemos atentar para uma religião pessoal e deixar à parte o ramo institucional. De certa forma, essa é uma posição surpreendente, pois a religião é mais comumente relacionada à instituição religiosa do que à devoção individual de cada um.

Assim tem-se a experiência religiosa como algo pertinente a discussão de James. Segundo Ervedosa (2003), para James a experiência espiritual central seria o reconhecimento de uma realidade transcendente, que daria sentido a existência das pessoas que fazem sobre a vida. Uma das experiências que se evidencia nesse contexto é a experiência da conversão, que segundo James (1995) se apresenta como sendo um processo gradual ou súbito, por cujo intermédio um eu até então dividido e conscientemente errado, inferior e infeliz, se torna unificado e

conscientemente certo, superior e feliz, em consequência do seu domínio mais firme das realidades religiosas.

Dessa forma podemos especificar as duas categorias de conversão propostas por James, onde a gradual se apresenta sob a consciência presente em um processo volitivo, já a súbita evidencia um movimento subconsciente onde a consciência ultra marginal se apodera da consciência deslocando o eixo mortal. Assim os sentimentos de conversão são perceptíveis entre eles a ideia do controle superior em que se perde todas as preocupações com o sentimento emanando uma sensação de paz, harmonia e disposição de ser. Outro sentimento que emerge é a percepção de verdades que antes não eram conhecidas. Por fim tem-se o sentimento de êxtase da felicidade produzida, esta felicidade é o estado mais profundo de graça, um verdadeiro êxtase.

Maslow (1982) apresenta-nos que nós podemos ver a fusão mística ou cúpula (experiência espiritual ou religiosa) como a comunhão não só com o que é mais amável, mas também o que é, porque se pertence para ele trazendo a ideia de que somos basicamente um com o cosmos. A aceitação de nossa natureza biológica profunda como isomórfica com a natureza em geral faz para o homem menos necessário, definindo que transcende como humanos ou não natural ou sobrenatural.

A partir das influências Erick Fromm, Maslow se desenvolveram estudos em torno da religião contribuindo para uma compreensão mais ampla de religiosidade, que segundo ele

se configura enquanto uma forma de crescimento pessoal, ou seja, desenvolvimento da personalidade.

De acordo com Maslow (1971) a pessoa auto atualizada procuraria intensificar o seu ser para expandir o conhecimento que se tem de si mesmo e dos outros. Assim Maslow apresenta-nos a (trans)ressoalidade como uma possibilidade de compreensão holística do sujeito.

A concepção religiosa de Maslow (1982) insiste na experiência individual e na condição biológica, compreendendo que a pessoa humana e sua vivencia mística deveriam estar necessariamente enraizadas não apenas no corpo, mas também no mundo de vivencias diárias.

Tem-se, portanto uma religiosidade mística no que se refere ao individuo e legalista no que se refere às instituições. A experiência transpessoal integra outras experiências da vida, não sendo necessariamente apenas aspectos positivos, apresenta-se também o sofrimento, a crise e a autoconfrontação como subsidio para o desenvolvimento.

“O POVO DE DEUS”: relações entre gênero e religiosidade no contexto das travestilidades

Ao analisar a produção documental que evidencia a relação entre religiosidade e travestilidades na cidade de Juazeiro do Norte – região do Cariri, sul do estado do Ceará, pode-se observar que tal produção lança uma nova perspectiva sobre a

temática, onde o sujeito anteriormente visto pela óptica de suas práticas sexuais, nesse caso as travestis, agora emerge no contexto socioreligioso desvinculadas da condição meramente sexual, trazendo à tona uma compreensão singular que apresenta nuances do sujeito atravessado por novas possibilidades de vivências. Ressaltando a imagem de fiel, cristã (católica), fazendo menção a uma ordem divina, a uma prática religiosa que vai além da condição indentitário sexual.

Dessa forma, tem-se assim um paradoxo trazido pela coexistência da esfera sagrado/profana, que dialogam e compartilham do mesmo espaço, apresentando em um mesmo cenário, a esfera redimida da fiel devota e a pecadora, fazendo menção a figura paradigmática de Maria Madalena, que traz sobre sua figura discursos antagônicos de exaltação e de profanação, compartilhando com tais sujeitos a condição de abjeção que se instaura e os segrega colocando-as a margem da sociedade.

Inicialmente na obra documentária tem-se o enunciado: “o real não é representável” de Roland Barthes (1915-1980) que ao som de uma rabeça, nos incita a prosseguir através de uma câmera em movimento pelas ruas do centro de Juazeiro, à noite. Respirando a atmosfera propícia para o desabrochar das discussões. As cenas iniciais marcam de forma simbólica a atmosfera do território ocupado pelas travestis em Juazeiro. Assim a frase suscita-nos a pensar que nem tudo o que vemos é realmente o que é, cabendo-nos apenas representa-lo. As barracas de feira, as esquinas, o asfalto marcam o *mise-en-*

*scène*¹⁵. Tem-se um corte cênico onde o cenário é transportado para o privado, um espaço doméstico com imagens sacras, terços, velas complementando-se em segundo plano por uma cama com sapatos, roupas e adornos, peças com muito brilho. Tais cenas não trazem sujeitos e nos incita a esperar a personagem.

A ideia de representação nos redireciona a pensar sob a perspectiva de Pesavento (2005, p. 25), que a representação não é a cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele. Na sequência retoma-se as cenas externas, que apresentam uma a Rua deserta e silenciosa, ao retornar as cenas internas tem-se a complementação do visual com uma panorâmica que descreve através de imagens o arsenal de maquiagem disposto sobre a penteadeira. A imagem de Padre Cícero, complementa e finaliza a sequência com o título do Documentário. “Também sou teu povo!”, título sugestivo que remete a perspectiva de reconhecimento e visibilidade dos sujeitos que vivem na zona de exclusão e que requerem seu lugar, seu território, o espaço que fora cerceado diante do que fora posto. Tem-se assim a zona de abjeção. Abjeção como sendo compreendida a partir de Judith Butler, que em entrevista concedida a Prins e Meijer (2002), reconhece a contradição que existe entre o “não ser” presente na definição do “ser abjeto” e a sua própria existência como ser “materializável” por um discurso de exclusão. Butler deixa claro que o abjeto para ela não se

¹⁵ Termo francês que significa Jogo de cena, jogo para a plateia, representar uma situação. Utilizado também de forma “oportuguesada” como *misancene*.

restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade, remetendo a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante. As travestis, a própria Beata Maria de Araújo e todos seres marginais, ou seja, que vivenciam a margem, são enquadrados a condição de abjetos, condição essa que os impossibilita emergir no cenário social, no entanto tais (não sujeitos) negociam com a norma e subvertem ou submetem-se a elas adequando seus corpos.

Butler (2002) leva-nos a pensar que *“Cuerpos que importan”*, nos incitando a pensar que a configuração do modelo normativo exigido pela sociedade deixando de lado particularidades que escapam à classificação de normalidade e exclui a sexualidade como uma multiplicidade de combinações, fazendo-nos perceber os limites existentes, tanto materiais como discursivos, e a pensar que corpos realmente importam.

Na sequência tem-se uma metalinguagem onde temos um documentário sendo reproduzido e narrando a trajetória de Juazeiro e sua relação com o Padre Cícero, deixando clara a relação com o sagrado, descrevendo as romarias e a construção da estátua do Padre Cícero. Chama-nos a atenção que ocorre um jogo de cena entre as partes do corpo da Estátua em seu processo de construção e da personagem que aos poucos vai se “construindo” tal qual a imagem do “Santo Padre”.

O corpo aqui é tomado por algo que busca uma inteligibilidade na tentativa de nomeá-lo. Goellner (2012) nos possibilita pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura,

apresentando tal feito como um desafio e uma necessidade. Desafio porque acaba por romper com o olhar naturalista sob o qual o corpo foi observado, explicado, classificado e tratado, ao desnaturalizá-lo revela que o corpo é construído historicamente. Tal percepção abre para a compreensão de que um corpo não é apenas um corpo é também o seu entorno, sendo esse construído também pela linguagem, revelando muito da identidade de tais sujeitos, dado a centralidade que o corpo adquiriu na cultura contemporânea.

Em continuidade percebe-se o surgimento de uma personagem, porém inicialmente apenas pela voz, marcando bem sua trajetória de vida com a trajetória do território que ocupa. O sagrado e o profano se entrelaçam em discursos imagens e relatos, mostrando-nos o quão complexo é o humano. A interface da religião é marcada em discursos de afirmação e respeito revelando uma atmosfera inebriada de devoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao debruçar-se sobre a experiência da travestilidade em contextos sócio religiosos nos deparamos com o desafio de pensar o sagrado e o profano, que se entrelaçam em uma tessitura agônística, provocando-nos para além de uma categorização perceber a complexidade do Humano no atravessamento d experiência religiosa que o realoca em uma posição de

subordinação, adoração, resignação e devoção frente ao sagrado, negociando a sua existência.

Para tanto compreendeu-se que as questões de gênero nas vivências das travestilidades não interferem de modo a impedir nas relações com o sagrado, onde no caso específico da cidade de Juazeiro do Norte as romeiras e devotas do “Padim ciço” reinventam a cena em um movimento de resistência e subordinação a norma vigente, demarcando seu território e mostrando-se através de seu discurso: também sou teu povo!

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Iara Maria de. **Os Novos Espaços Produtivos: relações sociais e vida econômica no Cariri cearense**. 2006. 229 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

ARAÚJO, Maria de Lourdes de. **A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé**. 2005. 250 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Butler, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"**. Buenos Aires: Paidós. 2002.

CESAR, Paulo. O povo de Deus chorava. In.: **Manhãs Iluminadas**. Pe. Zezinho. C2006. Faixa 9 (3 min 46).

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo. Contexto, 2006.

ERVEDOSA, Gisneide Nunes. **Personalidade, bem-estar e espiritualidade:** a influência das metas e motivações últimas na prevenção da saúde. 1238 f. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2004.

FERRO, M. Y. A-t-il une vision filmique de l'histoire. In: FERRO, M. **L'Histoire sous surveillance.** Paris: Calman-Lévy, 1985.

FERRO, Marc. **Cinema e história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Goellner, Silvana Vilodre . A produção cultural do corpo. In.: Guacira Lopes Louro; J. Felipe, & Silvana Vilodre Goellner (Orgs.), **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na Educação. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012.

GRANGEIRO, Claudia Rejane Pinheiro. **O discurso religioso na literatura de cordel de Juazeiro do Norte.** Crato: A Província, 2002.

Haraway, Donna. Um manifesto para os cyborgs: Ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In.: H. B. Holanda (Org.), **O feminismo como crítica cultural.** Rio de Janeiro: Rocco. 1994.

HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. In.: **Cadernos Pagu,** 2004.

JAMES, William. **As Variedades da Experiência Religiosa.** São Paulo: Cultrix, 1995.

LAURETIS, Tereza de. A tecnologia do gênero. In.: H. B. Holanda (Org.), **O feminismo como crítica cultural.** Rio de Janeiro: Rocco. 1994.

LAQUEUR, Tomaz. **Inventando o sexo:** corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 2001.

LEUTRAT, Jean-Louis. **Uma relação de diversos andares:** Cinema & História. Imagens. Cinema 100 anos, n. 5. 1995.

MASLOW, Abraham. **El hombre autorrealizado.** Barcelona: Kairós. 1971.

MASLOW, Abraham. **La amplitud potencial de la naturaleza humana.** México: Editorial Trillas. 1982.

MORENO, Antônio do Nascimento. **A personagem homossexual no cinema brasileiro.** Campinas, SP. 1995.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à vista:** discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez, 1990.

PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. In.: **Textos & Contextos**, Porto Alegre. 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, F., HAK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

ROSSINI, Miriam de Souza. **As marcas do passado:** o filme histórico como efeito de real. Tese (Doutorado em História), 1999. 416f. Programa de Pós-graduação em História da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In.: **Educação e Realidade**, Porto Alegre.1995.

SILVA, Jan Carlos da. O conceito de território na geografia a e a territorialidade da prostituição. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. **Território e prostituição na metrópole carioca**. São João de Meriti, R.J.: Ecomuseu Fluminense, 2002, p. 16-56.

TAMBÉM sou teu povo. Orlando Pereira/ Franklin Lacerda. Roteiro: Orlando Pereira. Juazeiro do Norte, 2006. 1 filme (14 minutos).